1
Contextualizando a Experiência Contemporânea

Os conceitos são criações livres do espírito e não estão unicamente determinados pelo mundo exterior.

A. Einstein

1.1
Inquietante reflexão

Ao focalizar a atenção nos grandes acontecimentos que marcaram o desenrolar do século XX, constata-se a ocorrência de pronunciadas transformações nos setores científico, econômico, político, religioso e na relação do sujeito com o saber. Guerras, avanços/descobertas/criações no campo das diversas ciências (bomba atômica, pílula anticoncepcional, transplantes de órgãos, inseminação artificial, clonagem, vacinas e medicamento, entre outros), significativo avanço das pesquisas na área da medicina, difusão da imprensa, aperfeiçoamento da fotografia, do cinema, surgimento da televisão, do computador (e, através dele, da internet), conquistas do espaço pelo homem, propagação e intensificação do consumo de drogas, assassinato de crianças, de índios, de homossexuais e de mendigos, crescimento desordenado dos centros urbanos, com conseqüências em termos de condições precárias de vida e urbanização anárquica[1], naturalização e banalização da violência (assaltos, seqüestros), posição do sujeito na sua indiferença (a fome, o desemprego) e, por fim, uma monotonia generalizada face a um suposto dinamismo.

Os acontecimentos e os fatos que compõem o mundo atual se encontram representados (ou podem ser simulados) por imagens técnicas: fotografias, cinema, vídeo, televisão e computador. Face a uma idéia relativa às questões da atualidade, simultaneamente se configura na mente uma imagem correspondente, ou uma vaga lembrança de uma imagem, que se reporta a algo já visto. O sujeito dispõe de um repertório de imagens sobre a atualidade, produzidas pelos aparelhos técnicos. A este respeito, Calvino afirma:

[1] Ver, em anexo, duas imagens da realidade que construímos e em que hoje vivemos. Revista *Veja*, Ed. Abril, 24/01/2001, e Jornal *O Globo*, 08/02/2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

> Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que cada uma delas adquira relevo[2].

Portanto, a cada dia se evidencia a presença da tecnologia da imagem nas práticas da vida. A existência do sujeito, hoje, é, necessariamente, produzida através dos aparatos técnicos que influenciam na construção de uma nova subjetividade, ou seja, um outro modo de o sujeito ser, agir e conhecer.

A presença marcante das máquinas na produção de um mundo repleto de imagens, sendo que estas, cada vez mais, pelos recursos dos avanços tecnológicos, vem propiciando ao sujeito a vivência do mágico e do fantástico e pode levá-lo a conceber uma supremacia das produções "maquínicas", a ponto de suplantar sua potencialidade criativa na interação com o mundo em que habita. Cabe aqui citar Machado, que, ao comentar Flusser, faz a seguinte afirmação:

> Os homens já não decifram as imagens como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como um conjunto de imagens. Não sabendo mais servir-se das imagens em função do mundo, eles passam a viver em função de imagens, de modo que estas últimas, tradicionalmente encaradas como mapas, se transformam gradativamente aos seus olhos em biombos, cuja função já não é mais representar, mas mascarar o mundo[3].

É, portanto, a partir do contexto da experiência do mundo atual, plenamente mediada por imagens técnicas (cinema, computador, celular, fotografias em *outdoors*, revistas, jornais e encartes), que pretendo apresentar o eixo estrutural por onde estou pensando a questão deste estudo, e situá-lo nesta experiência.

Não tenho a intenção, neste capítulo, de fazer uma análise conjuntural aprofundada da experiência contemporânea, mas esta reflexão a respeito se constitui num contexto em que algumas interrogações são levantadas e refletidas.

O tema a ser abordado articula a função da imagem para o sujeito, seu lugar (da imagem) na mediação da experiência na comunidade e a construção de saber como a conseqüência mais imediata. Estes são os três pilares que dão suporte à compreensão da condição do sujeito numa dinâmica social, considerando a introdução da imagem como um mediador privilegiado. Não

---

[2] CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 107.

[3] MACHADO, A. "Apresentação". In: Flusser, V. *Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio d'Água, 1998, p. 16.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

somente retomo uma temática antiga, visto que se sabe das grandes contribuições teóricas de pensadores que se debruçaram sobre o assunto, como atento para o fato de um uso inflacionado (e, pode-se dizer, indiscriminado?) da imagem, pois, conforme comenta Gerard Simon, em *Le regard, l'être et l'apparence dans l'optique de l'antiquité*, desde a ciência clássica grega até o século do surgimento da ciência moderna, o mundo não pode passar sem o olho e sem o olhar que realizavam o "mistério da transmutação do visível e do visto"[4].

Sendo assim, cabe dizer que, neste estudo, centro o olhar na possibilidade de como o uso da imagem pode produzir novos olhares, no sentido de colocar o sujeito diante de horizontes que o levem a construir saber sobre si, em termos de autoconhecimento. Quer dizer, as múltiplas engrenagens produtoras de imagens têm um valor significativo, na medida em que podem dispor ao sujeito novas possibilidades de acesso a uma realidade.

Em certo sentido, analisando a dinâmica social vigente, e especialmente a posição do sujeito em termos de um movimento da história de uma determinada sociedade, compreende-se que não se pode deixar de fora, na análise de suas condutas e na interação contínua com os outros, a relevante presença das imagens, pois não há mundo humano sem imagens. Isto é, o mundo dos acontecimentos, o mundo das coisas, somente é acessível para o sujeito quando, na esfera do pensamento, tais coisas são construídas como imagens. Inclui-se nisto o próprio sujeito, também efeito de imagem. A influência da imagem nas ações do sujeito está sempre presente. Sendo assim, as grandes determinações sociais operam sobre o pressuposto de que o sujeito é continuamente confrontado com imagens, remontando ao momento originário de sua constituição, visto que, como afirma Merleau-Ponty, "(...) o homem nasceu no momento em que aquilo que, no fundo do corpo materno não passava de um visível, torna-se ao mesmo tempo visível para nós e para si"[5]. Quer dizer, muito antes de se constituir num ser falado, num ser da ação, cada um de nós foi inscrito na tessitura simbólica como uma imagem, para, então, ter lugar a palavra, instrumento que põe para o sujeito um limite, em relação ao fascínio da própria imagem, visto que "funda o sujeito deixando desaparecer a imagem"[6]. É a palavra o principal responsável para que o sujeito

---

[4] SIMON, G. *Le regard, l'être et l'apparence dans l'optique de l 'antiquité*. Paris: Seuil, 1988, p. 17, (tradução da autora).
[5] MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1969, p. 49.
[6] VASSE, D. *O peso do real: o sofrimento*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999, p. 19.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

não se perca de si. Na tentativa de ser aquilo que é mostrado pela imagem, principalmente nesta sociedade, que é a do espetáculo, onde a produção do olhar assume lugar de destaque, exige-se, para o sujeito, glória, celebridade e existência. E isto leva-o a aproximar-se cada vez mais da televisão, do cinema, do vídeo e do computador, produtos fabricados pela ciência tecnológica.

Como se sabe, a imagem originalmente exerceu para o sujeito uma irresistível atração, tendo recebido a intervenção da linguagem como um fator que funda a existência do sujeito, porque o nomeia, o delimita. Sendo a imagem um elemento fundante, dificilmente o sujeito conseguiria resistir às promessas que vêm embutidas nas imagens, mesmo porque cabe lembrar que a imagem é um ideal. Em outras palavras, é impossível analisar a conduta de um sujeito sem qualquer referência à trama de imagens que estão na base da interação estruturada socialmente, processo em que a imagem é fornecida ao sujeito na condição de um outro, mas que somente pode funcionar no interior de um social, de uma cultura particular. Nestas condições, tem-se de pressupor a anterioridade dos processos sociais na constituição do sujeito, pois ele nasce em um grupo, constituído por vínculos estabelecidos pela linguagem, lugar de produção de imagens que circulam na interatividade dos sujeitos. Sem dúvida, "(...) a contemplação da imagem tem para o sujeito algo de fascinante, pois experimenta o contraste entre a visão de seu corpo tal como é visto de fora, tal como o outro o vê, e a imagem que ele próprio tem do corpo"[7].

Caracteriza-se, assim, o interstício de sua relação com o outro.

Considerar a interação mediada pela imagem, na prática do sujeito no seio da coletividade, é pensar na sua implicação em processos de tomada de consciência de si e do outro, pois, conforme afirma Santo Agostinho, em suas *Confissões*, "(...) os olhos são os sentidos mais aptos ao conhecimento. É aos olhos que propriamente pertence o ver, quando os usamos para obter qualquer conhecimento"[8].

A construção do conhecimento, que o sujeito faz de sua singularidade, parte necessariamente de uma demanda social. O desenvolvimento do autoconhecimento ocorre num processo de construção com o outro. Cabe lembrar

---

[7] MERLEAU-PONTY, M. *Resumo de curso: filosofia e linguagem*. Campinas: Papirus, 1990, p. 102.

[8] SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, Petrópolis: Vozes, 1990, p. 254.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

que tecido social é um espelho que, em suas dimensões, constrói a história do sujeito e a história da relação de seus membros. Disto, constata-se ser necessária uma atenção aos fatos concretos do cotidiano, apreendidos em sua totalidade. Como também há que se focalizar a singularidade da própria história do sujeito, entendendo-se que esta se encontra em construção permanente, de modo que a descoberta do novo é sempre produzida na tensão das exigências enfrentadas pelo sujeito no confronto com o outro.[9]

É através deste confronto com o outro que o sujeito é levado a produzir soluções para os impasses com os quais se depara, de modo que tal encontro será sempre mobilizador para colocar o sujeito em ação. Ao mesmo tempo que o outro é para o sujeito um enigma (cada sujeito sabe que o outro pensa, mas não sabe sobre o conteúdo do pensar), é também rica fonte de conhecimento, pelo fato de se poder captar, desde um olhar diferente. Um olhar do outro, conforme afirma Bakhtin:

> Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto – , o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos. Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem[10].

Depreende-se, então, que a visão e o olhar, remetidos à imagem, sempre tiveram um lugar de produção de conhecimento. Atualmente, vive-se o império do olhar. O olhar que faz a mediação da experiência cotidiana é produzido por instrumentos que, em suas características, são capazes de capturar o além do visível, na investigação das coisas. Melhor dizendo, o olhar não é um simples atributo do sujeito para o conhecimento, pois o sujeito se serve do olhar como instrumento para o conhecimento, na medida em que é afetado por esta ordem do

---

[9] Ver GERALDI, J.W., "A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética". Texto apresentado no V Congress of the International Society for Cultural Research and Activity Theory, Amsterdam, 17-22 de junho de 2002. O autor parte de algumas noções da estética bakhtiniana formuladas para explicar as relações autor-herói e as transpõem para a construção de uma ética considerada como processo, sempre inacabado, de relações com o outro.

[10] BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 43.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

olhar, enquanto objeto[11]. Cabe salientar que não se trata de um objeto passivo, mas de um sujeito, que, ao reagir, vai construindo história.

Uma particularidade na relação do sujeito com a imagem técnica merece destaque. A imagem que ele capta de si possibilita-o transformar-se, entendendo-se, assim, que um além da imagem produziu, para o sujeito, o indício e a mola de uma mudança. Esta modalidade do olhar "(...) pode ser imaginada pelo sujeito através de um barulho qualquer que denote a presença de alguém, pois o olhar assombra o visível"[12].

A imagem, como um outro que retorna ao indivíduo, o coloca obrigatoriamente numa dimensão relacional, onde experimenta, pelo fato de ser olhado, sensações de tormento, de ser descoberto e, também, de curiosidade em se reconhecer. Cabe salientar que se fala metaforicamente de um retorno do social ao sujeito, daquilo que foi produzido no outro, ponto fundamental da atividade que leva o sujeito a se transformar, visando à sua circularidade na tessitura social. Dito em outras palavras, o raio visual que emerge do olho social, incidindo sobre o sujeito, converte-se naquilo que o sujeito dispõe para ter acesso aos objetos, com sua visibilidade. Ao invés de ser meramente uma tela de projeção e um meio de transmissão de dados, o olho é dotado da função de criar as coisas, visto que o olhar é que pode vir a simbolizar o mundo, lançando o sujeito para além da aparência, ou seja, o olhar produz conhecimento e está para além das palavras, mas, para sua expressão, não há olhar sem palavras.

Na injunção olhar-palavra, tem-se a produção de um tipo de discurso, que sofre interferências históricas. Isto quer dizer que, em cada época, o sujeito produz um olhar sobre si mesmo, em função dos dispositivos técnicos ao seu dispor. Se, com a ciência moderna, se constatou a hegemonia da técnica como "(...) um modo decisivo de o homem se apresentar a tudo que é e está sendo"[13], este avanço corre paralelamente às ocorrências que marcaram a história da humanidade nos últimos tempos, visto que a ciência, como o conjunto de poderes humanos, tanto se verteu em benefícios, pelas descobertas, como também tais descobertas, em algumas situações, foram utilizadas contra o próprio homem. Analogamente, pode-se

[11] Na medida em que incidem sobre o sujeito as determinações do olhar produzido pelos instrumentos tecnológicos, sua posição é de um objeto que prontamente reage a tais determinações.
[12] QUINET, A. *Um olhar a mais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2002, p. 12.
[13] HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 39.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

pensar que a imagem técnica não é somente uma exigência a que o sujeito deva adequar-se e consumir. Dependendo do seu uso, ela tem sua importância, ao propiciar, por exemplo, a construção de saber crítico. Enfim, consumo e conhecimento são duas polaridades relativas à imagem.

Circunstâncias de tal natureza não passaram despercebidas às mentes dos pensadores inquietos, implicados no entendimento da tessitura social. Explicações são exigidas a cada momento, constantemente, sem cessar, tal é a efemeridade em que se vive, a ponto de, quando uma explicação se produz, novas questões já se convertem em interrogantes, que se constituem como imperativos, convocando cientistas, filósofos e todos aqueles empenhados na solução dos "enigmas humanos" a se debruçarem sobre o assunto.

Os objetos disponíveis, hoje, para o consumo, não têm o mesmo destino, se comparados aos de décadas passadas, antes das grandes transformações da segunda metade do século XX. Em certo sentido, pode-se pensar que, outrora, o consumo era ditado pelo necessário, enquanto, na atualidade, o imperativo de consumo conclama o sujeito para o excesso.

Os bens de consumo são ofertas do mercado que prometem saídas, em termos de bem-estar. Assim ocorre também quando a imagem é elevada a tal condição. Em decorrência de seu uso intenso, o sujeito é induzido a quase se paralisar no imediatamente visto. Chega-se a um estado em que os valores de uso se equiparam, ou seja, "(...) o totalitarismo dos objetos aponta que tudo está ao alcance"[14]. Em certo sentido, o mercado dispõe de quase todos os tipos de objetos, inclusive de instrumentos que produzem imagens, oferecidos como adequados a diferentes tipos de demanda ou de carência. Em outras palavras, "(...) a cultura do consumo consiste, sobretudo, num componente ideológico que se articula à condição de que o desejo humano não se satisfaz jamais, sendo constantemente ativado pela ausência de que algo nos falta"[15].

Há de se registrar que a cultura do consumo se verteu numa polaridade, em relação à qual o sujeito procura utilizar a multiplicidade de objetos disponíveis, não apenas para se diferenciar de seu semelhante, mas também para um culto voltado ao enaltecimento de si próprio. Neste sentido, pode-se pensar que a

[14] SOARES, C.E.L.V. *Em nome do pai: um estudo sobre a culpa e a angústia*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: Depto. de Psicologia, PUC/R.J, 1997, p. 23.

[15] RABELO DE CASTRO, L. *Infância e Adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998, p. 58.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

expressão de uma vontade de poder contribuiu para o surgimento do individualismo. Como conseqüência disto, o sujeito é movido pelo ideal de que tem que se destacar para se sobressair entre os demais e ser único. Certamente, como afirma Lipovetsky,

> As tradições perderam sua autoridade e sua legitimidade incontestes, a unidade individual, soberana e autônoma é que é primeira, mas nenhuma regra coletiva tem valor em si se não é expressamente admitida pela vontade do indivíduo. Já não são mais as normas coletivas que se impõem a mim, sou eu quem dou minha adesão a elas deliberadamente[16].

Apesar de o individualismo, ou o culto exacerbado ao narcisismo, ser criticado como uma modalidade de alienação, a relação do sujeito com sua imagem é sobretudo uma espécie de "alimento do ideal humano de satisfação" e de conhecimento.

O *modus vivendi* da atualidade coloca o sujeito frente a frente com as imagens ideais, produzidas segundo um padrão. Divulga-se, por exemplo, um padrão de beleza relativo à satisfação do corpo, não mais apenas a partir do vestuário, mas de próteses, enxertos e transformações na própria carne. Sabe-se que o sacrifício do corpo sempre esteve presente na relação do homem com a busca de prazer. Desde as eras remotas se sacrificava o corpo aos deuses, para receber mais em outras vidas. Mas, na atualidade, parece haver quase uma exigência de criatividade em todas as áreas, para se conquistar novos mercados. E, como afirma Baudrillard,

> (...) antigamente bastava ao capital produzir mercadorias o consumo sendo mera conseqüência. Hoje é preciso produzir os consumidores é preciso produzir a própria demanda, e essa produção é infinitamente mais custosa do que a das mercadorias[17].

Consumir o excesso: eis a lógica que norteia as ações do homem de nossos dias. Excesso que se estende desde bens materiais a valores espirituais. E o que é produzido deve ser imediatamente consumido, a tal ponto que a imediatez pode ser considerada como um obstáculo à construção da história. Caberia, então, destacar a este respeito dois aspectos: não é o consumo que produz o vício de consumir, visto que é preciso considerar a possibilidade de escolha do sujeito, que

---

[16] LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 271.

[17] BAUDRILLARD, J. *A sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 26.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

empenha seus esforços na busca de objetos para aplacar seu mal-estar. Por outro lado, não se pode ignorar que a diversidade de objetos disponíveis se converte num atrativo e que, muitas vezes, são objetos ou soluções que têm conseqüências bastante negativas para o próprio sujeito. A lógica do consumismo, apesar de seu aspecto nefasto (consuma o excesso!), converte-se também em modalidades de bem-estar, pela variedade e pela facilidade de obtenção de objetos. Enfim, se, de um lado, se pode falar de um sujeito apático frente a uma imensidão de coisas previamente oferecidas para suas necessidades, com chances mínimas de escolha, por outro, sabe-se que o seu modo de proceder se revela sobretudo como uma questão subjetiva, da qual não se pode eximir de enfrentá-la.

De certo modo, não se está promulgando o apogeu de uma postura puramente irracional, uma vez que as descobertas científicas estão ao alcance dos sujeitos. Não obstante, adotar posturas radicais, como pensar que o cotidiano, em suas marcadas convulsões[18], seria fruto de uma postura puramente irracional do homem moderno, ou que somente aquilo que se compreende racionalmente e/ou que se prova cientificamente seria o fundamento para explicar a dinâmica complexa do comportamento do homem frente a todas as catástrofes, seria tentar novamente reduzir a multiplicidade de implicações da constituição da subjetividade atual a uma explicação monológica dominante. Dito de outro modo, seria querer negar a implosão contínua de aspectos ainda não analisados, que constituem o homem contemporâneo.

Mais acentuadamente após a segunda metade do século XX, um tesouro de sabedoria foi sendo deixado de lado pelo homem moderno, isto é, os ensinamentos das tradições e dos costumes passaram a ser negados sistematicamente. Trata-se, aqui, do sentido figurado do termo para retratar o cotidiano tanto rural quanto urbano, marcado principalmente pela escassez e pela pobreza de relacionamentos, pela violência crescente, pelo ataque à natureza, pela ambição desmedida do homem, pela impunidade, e, enfim, pela descrença em ideais, já que os líderes no comando oferecem poucas esperanças salvaguardadoras e identificatórias.

[18] BENJAMIN, W. "Experiência e pobreza", *Obras Escolhidas*, vol. 1, "Magia e técnica, arte e política". São Paulo: Brasiliense, 1987.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Com o desenvolvimento do capitalismo voltado para o consumo[19], foi-se acirrando o incremento do individualismo/egoísmo, conforme se pode constatar através das relações no cotidiano. Verifica-se que, neste sistema, não apenas são criados padrões universais de consumo, seja de objetos materiais, serviços ou comportamentos, como também se sente uma imposição sobre o sujeito, quase de forma coercitiva, para que se consuma tal produto. É muito comum ouvir: "mas o mundo de hoje está assim, não é? O que se pode fazer? Se a maior parte das pessoas agem assim, como posso ir contra?" Depara-se, então, com um sentimento de impotência, de vazio, diante de uma mistura de sensações provocadas principalmente pelos avanços da tecnologia. Há sede de novidades a todo momento, o que é novo se torna velho num tempo tão curto e rápido que incita o sujeito novamente a querer algo diferente. E, se parar, ele se sente como se estivesse perdendo a história, que está ficando por fora, que será esquecido. As relações afetivas que não criam laços, que são fugazes, e a vida, mostrada como se fosse um filme, um espetáculo, através da televisão, e que constituem esta realidade em que se vive, levam o sujeito a este sentimento de não saber o que falar, o que pensar, o que fazer. Encontra-se muitas vezes meio paralisado, apenas assistindo à vida passar, como se ela passasse fora dele, como se ele não fizesse parte dela.

Além do estado de indiferença próprio do homem moderno, vê-se crescer e intensificar-se uma modalidade de individualismo que muito se aproxima de um delírio de autonomia. O que pensar sobre isto? Em princípio, pode-se pensar que a desvalorização dos tesouros da cultura, a supervalorização da eficácia da técnica e a não implicação no contexto das relações sociais são, possivelmente, os fatores responsáveis por um estado de deterioração que, de modo paradoxal, convive com o chamado avanço científico. A ciência progrediu com descobertas úteis ao homem, e isto é um fato, como é também a atitude de desprezo com que o sujeito moderno trata os valores de seus antepassados, a ponto de o século XX ter sido expressivo em formas implacáveis de hostilidade. Em certo sentido, sabe-se que o sujeito age a partir de determinações socioeconômicas e políticas próprias do seu contexto, e que não passa incólume em relação aos efeitos de sua ação, visto que

[19] Esta posição teórica é definida por BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 90, 1991, e HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, entre outros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

"(...) toda transformação acarreta certos perigos, entre o momento da demolição e o da construção, fica-se momentaneamente sem abrigo e sem apoio"[20].

Principalmente após a segunda metade do século XX, o sentimento de neofilia, ou seja, a apetência pela novidade, constituiu-se num imperativo de primeira ordem, conforme ilustram magistralmente os veículos de comunicação: agências de *Top Model*, *reality shows*, programas que exploram e vendem a infância e a exaltação da estética jovem, a ponto de as pessoas adotarem posturas extravagantes num esforço hercúleo para apagar as marcas do tempo. A busca contínua de um estado de neofilia tem suas conseqüências, como, por exemplo, o estranhamento e a dificuldade em se relacionar com a diferença. Além disto, observa-se que as transformações sofridas pela estrutura familiar, em decorrência da crescente influência da técnica e como expressão da massificação, causaram um grande impacto, isto é, a diminuição progressiva do contato entre pais e filhos. A situação causa perplexidade, visto que é cobrada uma eficiência em tempos recordes ao jovem, para sua realização no trabalho. O jovem bem-sucedido é identificado com aquele tecnicamente qualificado, que significativamente produz. A conseqüência imediata deste estado é a não admiração pelo homem em sua maturidade. Esta questão implica em conseqüências para o próprio jovem. Além do projeto de manutenção da juventude "dinâmica e eficiente", há uma recusa das tradições familiares, ou seja, o jovem se identifica maciçamente sem equívoco com outro de sua cultura, estabelecendo-se, assim, um estado de ruptura entre gerações. O não discernimento destas questões produz comportamentos extremados, tais como manifestação descontextualizada da agressão, ingestão contínua de promessas químicas, dentre outros.

Cabe ressaltar que, face à velocidade e à difusão da informação, se produz um modelo veiculado como ideal, de bem-estar, que tende a ser universal. Ao pensar este contexto em termos de Brasil, Jurandir Freire Costa é enfático, ao admitir ser necessário o resgate de valores perdidos, pois "O incômodo, a insatisfação são efeitos do que falta: falta de culpa; de vergonha; de decoro; de compromisso; de solidariedade; de sentido cívico; de sensibilidade política, etc. O remédio é a restauração dos valores perdidos"[21].

---

[20] LORENZ, K. *Civilização e pecado*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1974, p. 97.
[21] COSTA, J.F. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2ª edição, 1995, p. 40.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A desconstrução gradativa dos valores concorre de forma significativa para a construção de um modo de pensar em que se julga que o sucesso seja o resultado de "aplicação de golpes", considerados como naturais. A naturalização de formas de corrupção e degradação de valores é freqüentemente detectada nas ações do homem atual.

Além disto, algumas transformações, decorrentes do sistema capitalista, caracterizam-se, sobretudo, no âmbito dos existenciais humanos, pela aceleração do ritmo de vida. Ou seja, a inserção do sujeito no modo de pensar capitalista obrigou-o a não somente produzir uma nova modalidade de pensar, mas também a encontrar meios para atender às novas exigências que surgiram. Se, por um lado, se pode falar em progresso, quando se considera o chamado "avanço tecnológico", por outro, assiste-se, muitas vezes, a uma situação de impasse, frente às decorrências deste avanço. Em outras palavras, o homem não dá conta dos efeitos de suas produções.

Na época atual, principalmente nas últimas décadas, vive-se uma intensa compressão do tempo e do espaço. Esta questão tem provocado uma desorientação e uma ruptura nas práticas político-econômicas, no poder de classe e na vida social e cultural[22].

Este estado de coisas incide diretamente no modo de pensar, na maneira de agir e na modalidade de encontrar soluções para a vida cotidiana. Sem sombra de dúvida, quer-se assinalar a interferência destas conseqüências no modo de ser de cada um, na atualidade, em termos de organização da vida psíquica.

O perfil da família, hoje, também é determinado pelo impacto das transformações socioeconômicas, em conseqüência do capital monopolista, conforme nos sugerem Adorno e Horkheimer[23], para quem o trabalho, ao se tornar universalmente produtivo e alienado, transformou os indivíduos em agentes da lei do valor, solitários e indefesos. Observa-se que o pai de família, hoje, às vezes não se encontra em condições de passar ao filho, por exemplo, algo que é do seu sucesso na vida, no sentido do saber fazer, de marcar a história de seu filho com

[22] HARVEY, D., op. cit.
[23] ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento, fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

alguma referência ao seu nome, referência que possa situar o filho dentro de uma linhagem e dentro da história das gerações[24].

Retoma-se esta questão para assinalar que o perfil da família atual deu lugar a uma modalidade distinta de exercício da paternidade, pois, face às transformações oriundas da técnica, o século XX foi palco de uma crescente crise da autoridade paterna[25], visto que "a imagem paterna foi exilada da vida privada"[26].

Na medida em que a educação e os cuidados médicos foram ficando cada vez mais fora do espaço doméstico, os pais foram privados de vivenciar experiências de cuidados e de educação em relação a seus filhos. Conseqüentemente, cada vez mais, na medida em que a insegurança dos pais aumenta, se cria a dependência com relação aos especialistas[27]. Estes, por sua vez, também sujeitos a constantes mudanças impostas pela cultura do consumo, vendem estratégias e mais estratégias de saúde e de educação[28].

Os especialistas técnicos não só colaboram positivamente na promoção e na manutenção do bem-estar, como também reproduzem o *modus pensandi* vigente, fazendo parte de um circuito no qual oferecem aos pais aquilo que julgam ser o melhor, intervindo, assim, significativamente na educação das crianças. Como estrategistas, não estariam fora da lógica do consumo, já que produzem um bem a ser "vendido" e imediatamente consumido. Toda proliferação de bens à disposição faz ressonância no marcado comodismo de que o sujeito atual se utiliza para solucionar os impasses de suas demandas.

A ciência instrumental penetrou as instâncias da sociedade, assim como a infância. Cada criança pode ser respeitada em seu ritmo, desde que ascenda à fase seguinte. A própria teoria psicológica[29] também indica um fechamento, uma classificação do comportamento da criança. Exclui-se um estudo mais

---

[24]BENITES, L.S. "Delinqüência e maus-tratos: uma questão de filiação?". In: FLEIG, M. (Org.). *Psicanálise e sintoma social*. São Leopoldo: Unisinos, 1993.

[25]MITSCHERLISH, A. "Ausência do pai". In: CANEVACCI, M. *Dialética da família (fragmento)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

[26] JULIEN, P. *O manto de Noé: ensaio sobre a paternidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997, p. 37

[27]DOLTO, F. "Prefácio". In: MANNONI, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

[28]LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

[29]RABELO DE CASTRO, L. "Desenvolvimento humano: Uma perspectiva paradigmática sobre a temporalidade". *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 5, 2: 99-100. Ver Também, da mesma autora, *Crianças e Jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU, Editora FAPERJ, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

aprofundado da sua relação com a família, com a escola, com as pessoas que lidam com ela, enfim, não é considerada inserida num contexto histórico-social.[30]

Neste novo cenário, o sujeito tem que se mobilizar frente à possibilidade de produzir uma nova modalidade de utilizar o tempo, como também o espaço, ou seja, impõe-se ao homem abrir mão de um dado padrão de conduta, para não ficar de fora, ou, até mesmo, distante dos acontecimentos à sua volta.

O exemplo mais marcante pode ser colocado no campo da produção, principalmente na de mercadorias, onde a ênfase recaiu nos valores e nas virtudes da instantaneidade e da descartabilidade, produzindo uma sociedade do descarte, o que, mais do que jogar fora bens produzidos, significa também ser capaz de abrir mão de valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, a lugares, a pessoas e a modos adquiridos de agir e ser.

Esta efemeridade, de acordo com Harvey[31], provoca "(...) uma temporalidade na estrutura dos sistemas de valores públicos e pessoais", que fornece um contexto para a "quebra do consenso" e para a diversificação de valores, numa sociedade em vias de fragmentação.

Costa[32], apoiando-se nas idéias de Lasch, expostas em *O mínimo eu*, ressalta bastante que o descrédito das leis e o ataque à idéia do sujeito moral ideal propiciam o surgimento de uma cultura individualista, de mínimos eus. Na medida em que a política deixa de ser o espaço próprio ao exercício da liberdade, para se tornar o lugar privilegiado da delinqüência, os cidadãos intimidados retraem-se nos mecanismos cegos de sobrevivência apenas e perdem sua capacidade de transcendência.

Esta transformação do sujeito, em termos de valores morais e postura ética, é objeto da reflexão de Sennett em *A corrosão do caráter*, que, face a tal circunstância, levanta a seguinte indagação:

> Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa

[30]CAMERINI, M.F.A. A importância do contexto histórico-social e relacional na estruturação psíquica da criança e na formação de seu sintoma. Dissertação de mestrado. Depto. de Psicologia, PUC-Rio, 1996. Ver também da mesma autora, Comentários: "A criança e o adulto" in: (org.) GARCIA, C.A., RABELLO DE CASTRO, L. e JOBIM e SOUZA, S. Infância, Cinema e Sociedade. Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 87.
[31]HARVEY, D., op. cit., p. 259.
[32]COSTA, J.F., op. cit.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

> economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojetadas?[33].

Em seu modo de pensar, Sennett admite que, quando o capitalismo considerava, no conceito de trabalho, uma perspectiva carreirista e, portanto, a narrativa era linear, futurista, as famílias tinham valores a serem praticados e projetos a serem atingidos. O capitalismo era opressor, mas deixava um espaço livre para os sujeitos organizarem seu tempo, suas vidas. Havia, neste sentido, um poder sobre a vida privada.

No conceito de trabalho flexível e nas chamadas estruturas *on line*, há uma reinvenção descontínua de instituições, a espacialização é flexível (flexibilização de tempo: criação de emprego com baixa remuneração) e a desterritorialização da produção (desconcentração de poder) se constrói. Neste sentido, o controle sobre os trabalhadores e o risco de perda do trabalho aumentaram. Atualmente, há recursos técnicos que propiciam uma igualdade entre as classes na aparência, mas na profundidade as diferenças são maiores.

Constata-se que há uma maior parte da população que apenas participa de modo residual do mercado global, cada vez mais desprovida de elementos que possam construir pensamento crítico. A este respeito, pode-se citar Forrester, que critica o neoliberalismo e a globalização como responsáveis pela manutenção e pela ampliação do mercado a qualquer custo, nem que seja necessário o extermínio do homem pelo próprio homem. Vale destacar suas palavras:

> Ao ver como se pegam e se jogam homens e mulheres em virtude de um mercado de trabalho errático, cada vez mais imaginário, comparável àquela 'pele de onagro' que se encolhe, um mercado do qual eles dependem, do qual suas vidas dependem, mas que não depende deles; ao ver como já não são contratados com tanta freqüência, e como vegetam, em particular os jovens, numa vacuidade sem limites, considerada degradante, e como são detestados por isso; ao ver como, a partir daí, a vida os maltrata e como a ajudamos a maltratá-los, ao ver que, para além da exploração dos homens, havia algo ainda pior: a ausência de qualquer exploração – como deixar de dizer que, não sendo sequer exploráveis, nem sequer necessárias à exploração, ela própria inútil, as multidões podem tremer, e cada um dentro da multidão?
> Então, como um eco àquela pergunta: 'Será útil viver quando não se é lucrativo ao lucro?' Ela própria eco daquela outra: 'É preciso merecer viver para ter esse direito?' Surge então o temor insidioso, o medo difuso, mas justificado, de ver um grande número, de ver o maior número de seres humanos considerados supérfluos. Não subalternos nem reprovados: supérfluos. E por essa razão, nocivos[34].

[33] SENNETT, R. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 10

[34] FORRESTER, V. *O horror econômico*. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1997, p. 16.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Na ênfase das características desumanas nas quais o mundo se encontra, vale destaque a questão da fome, ponto central para a compreensão da condição dos sujeitos frente ao instituído. Em *A Fome - Crise ou Escândalo*, Melhem Adas lembra que, segundo a FAO, somente a produção de cereais seria suficiente para alimentar adequadamente a todos. É incrível constatar que, num mundo onde há alimentos suficientes, morrem, diariamente, tantas pessoas por inanição. As razões para explicar este fato são inúmeras, mas uma delas é que a pobreza, vivida por uma multidão de humanos, é a causa da fome e da tragédia a que se assiste. Por outro lado, sabe-se que a pobreza é uma construção humana, produzida e mantida pelo contexto social, político e econômico mundial. Melhem Adas, citando Susan George, nos afirma:

> Morrer de fome ou de inanição ou ainda ter o desenvolvimento físico e mental comprometido pela desnutrição, num mundo em que a produção de alimentos é suficiente para assegurar alimentação adequada para todos, é uma vergonhosa situação para toda a humanidade. É um escândalo[35].

Pertinente seria incluir também nesta discussão a questão da reforma agrária e do Movimento dos Sem-Terra. É conveniente lembrar que, no mundo, há áreas áridas e semi-áridas, que dificultam a produção agrícola; mas também há um grande desenvolvimento de técnicas agrícolas que permitem superar obstáculos do meio natural. Além destas possíveis soluções, via tecnologia, há uma grande disponibilidade de terras, que servem à agricultura e não são utilizadas.

Ao destacar a questão da fome, pretende-se trazer à tona a reflexão de pensadores que vêm reafirmando ser o homem o responsável por suas produções (instituições, leis, valores, sistemas e modelos de produção), e que muitas destas produções não estão a serviço das comunidades; ao contrário, são submetidas aos modelos produzidos e impostos por uma minoria, detentora do e responsável pelo poder econômico.

De algum modo, todos são diretamente atingidos por quaisquer ocorrências que chegam através da mídia, ou que presenciam diretamente, fator que os obriga a uma tomada de posição e, de certa forma, os compele a contribuir.

---

[35]ADAS, M. *A fome: crise ou escândalo?* São Paulo: Moderna (Coleção Polêmica), 1988, p. 18.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Não se quer atenuar ou mesmo amainar o espírito pessimista, nem encetar uma euforia otimista. Apenas se quer salientar que a expansão econômica, o ódio às diferenças, a explosão demográfica, a política de manutenção da pobreza e do analfabetismo e outros tantos males terríveis se encontram numa onda crescente, comparável ao que se pode entender numa progressão geométrica.

A vida nos centros urbanos é, em grande parte, produtora de modalidades de relacionamentos caracterizados quase sempre pela instantaneidade, a ponto de o sujeito ser surpreendido pela possibilidade de que a idéia de amor ao próximo se teria dissolvido.

Um simples acontecimento pode ser chocante, escandaloso ou mesmo provocativo, para o sujeito indagar sobre o porquê de suas ações, bem como sobre o destinatário das mesmas. Vive-se num regime de imediatismo em que, de alguma maneira, se é ofuscado, a ponto de serem indiferentes as circunstâncias que incidem sobre o seu semelhante.

A este respeito, cabe indagar sobre as preocupações em relação ao outro[36]. Eis um encaminhamento ético que deve ser sublinhado, pois o objeto deste estudo é o próprio homem e, segundo Costa, "Ética é toda ação humana que toma por objeto de intervenção outra ação humana, do próprio agente ou de um outro"[37].

Embora se saiba da aridez que matiza as relações na atualidade, pela difusão de *slogans* do tipo "não podemos nos envolver emocionalmente", é impossível não ser afetado pela realidade circundante. Certamente, o cotidiano das grandes cidades, na sua diversidade econômica, política, religiosa e racial, configura uma dinâmica inevitável para cada um de nós, especialmente no selo de desumanidade embutido neste processo, que, apesar dos esforços empreendidos, parece ser quase inevitável. A conseqüência é nefasta! Quanto mais se é levado a viver na massificação, aumenta contra o sujeito uma acusação interior de que ele está acuado e que precisa fazer alguma coisa.

As idéias, expostas até então, espelham o universo da camada social, objeto de estudo desta investigação e também um campo de prática de há mais de

[36] GERALDI, J.W., op. cit.
[37] COSTA, J.A., op. cit., p. 19.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

duas décadas.[38] Na exaltação do padrão imagístico, houve, de forma gradual, um movimento que concorreu para colocar em segundo plano outros valores, a ponto de ser a imagem que dita costumes, normas de comportamento e fórmulas de "felicidade", conduzindo o sujeito a também consumir imagens. Cabe sinalizar que a exaltação e a exacerbação narcísicas são constantemente fomentadas pela eficácia da técnica que, difundida pela imagem, assume uma preponderância de habitar o imaginário de todas as camadas sociais.

1.2
A mídia e a comunidade

A história da mídia teve sua origem no Direito Romano, quando se construiu a idéia do político, que seria o interesse público do patrimônio compartilhado.

Foi Cícero quem, pela primeira vez, expôs os problemas do domínio público, público este que se faz daquilo que excede, do heterogêneo da comunidade, do atraso, do retardamento. Na medida em que o público não dá conta das questões da comunidade, ele se constrói esvaziado desta noção.

A matriz política do público se constituiu através da Lei das XII Tábuas. Conforme afirma Altavila,

> (...) o direito havia perdido o seu mistério; deixara de ser frustradamente sagrado, saíra da escuridão conveniente dos templos; poderia agora ser consultado e invocado por patrícios e plebeus; fincava no solo romano o seu princípio de universalidade; deixara de ser um raio fulminante de Júpiter para se constituir um clarão perpétuo na razão humana; deixara de ser um ditame real para se transformar num mandamento escrito e divulgado; deixara de ser um subterfúgio legal para se converter numa comunhão de idéias e de interesses coletivos; não era mais um atributo dos sacerdotes, porque passara à secularidade e ao condomínio do povo; não era mais uma fórmula imprecisa e obsoleta e sim a consubstanciação de uma conquista historiada em doze placas de bronze de boa têmpera, encravadas naquela parte do foro destinada aos comícios e banhada pela luminosidade rubro-dourada do sol que fecundava prodigamente todo o Lácio[39].

[38] Ao longo de minha prática comunitária, observei que as pessoas engajadas em pseudoprogramas assistenciais, com grande facilidade adotam posturas alienadas, a ponto de se esquivarem do processo de tomada de consciência de suas reais condições e de suas potencialidades. Quero assinalar a minha descrença em trabalho voluntário que não se constitua um espaço de discussão para a produção de conhecimento, pois se sabe que as transformações produzidas pelo saber têm seus resultados nos agentes nos quais incidem. O que se obtém da produção do saber pode ser pensado como uma provisão narcísica, mola fundamental para a continuidade e o investimento de um trabalho.

[39] ALTAVILA, J. de. *Origem do direito dos povos*. São Paulo: Ícone, 2001, p. 85.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Mas foi a partir deste momento que se produziu o primeiro obscurecimento do público, pois nem todas as pessoas tinham acesso às inscrições da Lei das XII Tábuas. A instauração do dispositivo legal resultou, naquele momento, em uma separação. Por um lado, havia um grupo de pessoas que, por terem acesso ao significado do texto legal, passaram a agir em conformidade com ele, e por terem conhecimento das indicações estabelecidas, poderiam, em função de valores políticos e sociais, propor mudanças. Por outro lado, havia uma outra categoria, denominada de excluídos, em função de sua condição social, para a qual era difícil o acesso aos lugares instituídos, disponíveis para a transformação do sujeito pelo saber. A este contingente era vetado o direito de mudança. O funcionamento do dispositivo legal teve como conseqüência uma transformação no seio das relações sociais, em função da eficácia técnica produzida. Não seria forçoso denominar este efeito de tecnologia, que, desde os primórdios, se configurou como uma forma de apagamento e/ou mascaramento do conflito social.

A divulgação de informações, na condição de imperativos, estabelecem um novo contexto de relações. Ao invés de o homem confrontar suas idéias com seus semelhantes, simplesmente viu-se diante de um texto que muito lembra a proposta kantiana de que, em se tratando de lei, não se pode concebê-la de outra maneira que não seja uma forma sem conteúdo[40]. O sujeito passa, então, a reagir não mais à ritmicidade e aos distintivos da voz, do olhar e do corpo, e sim à "letra", na sua forma mais impessoal possível. Todas estas questões exigem do sujeito um posicionamento frente à realidade produzida. É neste sentido que se pensa que a imagem, na atualidade, tem um poder decisivo nas ações do sujeito, no entendimento que produz sobre si mesmo e na trama das relações que marcam o seu encontro com o semelhante.

As diversas modalidades de tecnologia que difundem informação, desde os primórdios da imprensa até o virtual digitalizado, produzem o mesmo efeito, qual seja, criam imediatamente uma categoria de excluídos. Talvez seja por esta razão que, para um setor da população, que não domina estes instrumentos técnicos, a difusão da informação assume um caráter mágico, sem dispor de muitas chances de questionamento sobre aquilo que recebe, o que, na maioria das vezes, pode ser um dos fatores, senão o principal, de massificação e alienação.

[40]KANT, I. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, 1989.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Cabe salientar que significativa transformação se deu nos canais pelos quais o sujeito construía suas representações do mundo circundante. No princípio, o homem se ateve aos valores divinos para representar o seu dia-a-dia. Atualmente, sabe-se que a representação social é grandemente influenciada pela tecnologia. E, à medida em que a grande parte das pessoas não tem acesso à decodificação das informações recebidas, vão ficando, cada vez mais, de fora dos processos concernentes à vida pública. Isto é uma constatação bastante visível. Deste modo, o século XX foi marcado pela formação de comunidades autocentradas, em função dos *slogans* que apontavam para o individualismo exacerbado. Sendo assim, muitas delas nutriam a preocupação com a demarcação de seus limites e de seus traços distintivos.

A intensificação do individualismo concorreu para a construção de uma conscientização de uma via de mão dupla de desconhecimento, conforme se pode depreender em: "nós somos nós e os outros são os outros". Não se trata de um apelo a uma singularidade pura e simples, mas de uma exigência de banir a diferença, e que os diferentes não podem realizar intercâmbio, já que a estagnação destes agrupamentos concorre para a não aceitação do semelhante como condição de reconhecimento mútuo.

Esta configuração de comunidades demarcadas de forma individualista[41] tem estreita relação com o avanço da técnica, visto que, constantemente, se oferecem ao sujeito modos de pensar e de agir que alcançam difusão ampla e imediata.

Se, por um lado, a expressão da técnica pode ter tido um efeito segregacionista, por outro, reverteu-se em grande benefício, não só pelo fato de o sujeito participar das ocorrências em tempo recorde, como também de acompanhar as transformações que produz. Neste sentido, o virtual sugere uma interatividade. Cabe saber qual a conseqüência disto, em termos da dinâmica subjetiva.

[41] A esse respeito ver NICOLACI DA COSTA, A.M. no texto: "Comunidade: teorias e modelos. Psicologia clínica, Pós-graduação & Pesquisa, v. 8, n. 8, 1996/7, PUC/Rio. A autora traz contribuições para a compreensão da noção de comunidade influenciada pela emergência do culto ao individualismo, do capitalismo selvagem, da alienação da força de trabalho, dentre outras.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

O regime de visibilidade é uma auto-representação da sociedade, isto é, como se quer ver. E as modalidades de construção do espaço público estão associadas aos recursos técnicos para torná-las visíveis.

Ao procurar compreender a relação da mídia (imagem técnica) com a comunidade, necessariamente fala-se de organização da sociedade (o político, o público e o privado) e de sua maneira visível (tecnologia) de se auto-representar[42].

O acesso aos dispositivos técnicos para a promoção do bem-estar do homem ainda carece de possibilitar uma alternativa de diálogo entre os diferentes. O que se pode constatar é o crescimento de uma política que se utiliza de traços identificatórios, no sentido de inculcar nos sujeitos uma espécie de conscientização de sua própria exclusão. Sendo assim, cada comunidade alimenta a crença de que seus valores são circunscritos à restrição de seu próprio espaço.

Tradicionalmente, as relações sociais dependiam do caráter dos indivíduos, ou seja, do valor ético. Atualmente, este valor está corroído sob a lógica do consumo.

A vida pública no século XVIII acontecia como uma cena de teatro, num grande palco, onde as pessoas representavam papéis diversos e marcavam suas diferenças de posições. Os códigos de credibilidade eram o corpo, tomado como um manequim, e o discurso, como um signo. Neste contexto, havia um entrelaçamento entre a vida privada e pública. O homem era ator e espectador[43].

Segundo Benjamim[44], o sistema corporativo medieval contribuiu para uma prática de produção de conhecimento, que se dava nas oficinas. Trabalhavam juntos, na mesma oficina, o camponês sedentário (que permanece no seu país e sabe suas histórias e tradições), o marinheiro viajante (que viaja e traz seu conhecimento de longe) e os artífices. Neste encontro, havia um entrecruzamento de narrativas, contadas pelos mestres (o camponês e o marinheiro) e aperfeiçoadas pelos artífices. O narrador benjaminiano retira da experiência o que ele conta, seja

---

[42]SODRÉ, M. *A máquina de Narciso*. São Paulo: Cortez, 1994.
Algumas colocações desta introdução estão também baseadas nas aulas ministradas pelo Professor Muniz Sodré, em seu curso "Socialidade, virtual e mídia" (UFRJ-ECO – 1999.2 - RIO).

[43]SENNETT, R. *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

[44]BENJAMIN, W. "O narrador", *Obras Escolhidas*, vol. 1, "Magia e técnica, arte e política". São Paulo: Brasiliense, 1987.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

da sua própria ou da relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes.

Nesta época, as relações entre as pessoas ocorriam de forma mais direta de umas com as outras e, portanto, o contato era face a face. Isto não significa que se quer defender a tradição, via uma postura conservadorista. "Conservadorismo não é defender a tradição; é resistir ao surgimento de novas tradições" (Costa, 1994)[45]. Igualmente, Benjamin afirma que, ao se procurar manter uma tradição em nome apenas de uma riqueza cultural que já perdeu o sentido para os dias atuais, há possíveis prejuízos nesta condição, na medida em que o sujeito pode não se abrir aos novos questionamentos que uma outra situação vai necessariamente criando. Em suas palavras,

> (…) qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais a vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. (…) Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar para a direita nem para a esquerda[46].

Há que se considerar o contexto e criar novos modos de relações humanas possíveis.

Segundo Benjamin[47], com a extinção progressiva da experiência, propiciou-se a intensificação das situações de choque em diferentes domínios, dando lugar a nova sensibilidade coletiva, expressada como vivência. Nesta nova situação, os estímulos tornam-se cada vez mais desconcertantes, apresentando-se como choques. Neste sentido, o sujeito lança mão mais da consciência e, portanto, mais da vivência relacionada ao presente, e menos da memória, ou seja, da experiência ligada à conservação.

A oposição entre experiência e vivência se dá não só como duas formas de percepção do sujeito nas suas relações com o mundo, mas como duas formas de se relacionar com a técnica, nos seus mais variados aprimoramentos.

---

[45]COSTA, J.F., op. cit.
[46]BENJAMIN, W. "Experiência e pobreza", *Obras Escolhidas*, op. cit., pp. 115-116.
[47]Ibid., "Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo", *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, v. 3, 1989b.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A corrosão dos valores de forma gradual deveu-se provavelmente ao aprimoramento da técnica aplicada pelo homem. O ponto alto da questão reside no fato de que o homem pode ter algum controle no manejo dos instrumentos, mas dificilmente conseguirá acompanhar os efeitos da ação produzida. Não obstante, se a técnica é, na atualidade, um imperativo, não se pode esquivar de pensá-la. Deste modo, os campos dos saberes são convocados a se debruçarem sobre o seu uso.

A técnica, estando presente em todos os espaços, vai imprimindo sua influência, deixando suas marcas. Parece ser um fato paradoxal a existência de tantos estados de barbárie face ao aprimoramento e à evolução desta técnica. No entanto, diante de conseqüências tão marcantes, o homem pode empenhar-se no exercício de reflexão, para tentar construir saídas para os impasses com os quais se defronta. Como afirmou Benjamin, na citação acima, a barbárie impele o homem "a começar de novo, a contentar-se com pouco, sem olhar para a direita nem para a esquerda". Na maioria das vezes, tais saídas não sugerem o encaminhamento do uso da técnica, mas sim o apelo ao vínculo constitutivo das comunidades. Isto é, seria recorrer à capacidade de reflexão do homem, na esperança de que o consenso seja o referencial a possibilitar as relações entre os sujeitos. Cabe salientar que é quase impossível, nos dias atuais, uma intervenção na realidade que não seja perpassada pela influência da técnica.

Se, por um lado, a manutenção do estado de barbárie é a recorrência e a exaltação de um resto de arbitrariedade, por outro, a crescente destrutividade produzida, na maioria das vezes, convoca o sujeito a questionar-se sobre o perigo da manutenção de um resto de tal natureza. Por isto, vale-se de alianças para se proteger da presença de um suposto mal. Não obstante, conforme alerta Benjamin, "a violência não é exercida de forma ingênua"[48].

O homem do século XX é parte de seu tempo, da mesma forma que este tempo e os espaços criados fazem parte dele. Deste modo, sua história, influenciada pela técnica, e os momentos cruciais que o mundo conheceu compõem a textura da vida, tanto pública quanto privada. Em certo sentido, o homem teve de abrir mão de sua certeza de que, com o manejo da técnica,

[48]BENJAMIN, W. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 184.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

dominaria a natureza e construiria uma sociedade igualitária. Não é de se estranhar que, neste novo cenário, tão diversificado, ao mesmo tempo em que há expansão de mercados, fortalecimento de corporações e avanços tecnológicos, se assista ao agravamento da pobreza, do desemprego e da violência.

Não é um acaso qualquer o fato de, diante de um acentuado progresso técnico e científico, que não conseguiu amainar as diferenças, se observar um processo de reevangelização do mundo, ou seja, um retorno às religiões e às seitas em que se inscrevem os fundamentalismos salvadores, como uma modalidade de religiosidade que floresce nos dias atuais. Certamente pela busca de proteção frente ao indeterminado, mas não ao inesperado, já que, frente à técnica não há mais "inocência", no sentido de que se sabe que ela produz sempre transformações.

A globalização das informações permite que o sujeito tenha acesso, por um simples dispositivo, o controle remoto, a um máximo de informações da mais variada natureza, sendo tudo transmitido em alta velocidade, comparável a um *videoclip*, mas entrecortado pelos anúncios da última palavra em matéria de conforto, bem-estar e *status* de vida. Isto sem contar com a possibilidade da mudança brusca que se pode ter da passagem do horror de um noticiário sobre a guerra, sobre a fome e a miséria e sobre uma bomba lançada em um prédio, para a última encenação de um *show* na Brodoway, com direito à interação ativa e imediata.

Sem sombra de dúvida, "o espetáculo do sofrimento" se dilui num lampejo, ou, quem sabe, o sofrimento se transforma num espetáculo. A indústria da imagem dá a pista de que nem mesmo se deva pensar que o sujeito faz parte das situações das quais é excluído. Igualmente, diluem-se as idéias subversivas e ameaçadoras, domesticadas por estereótipos e pela própria repetição, ou seja, ao longo de um dia, vêem-se as mesmas imagens, que se repetem incessantemente. Estas engrenagens mais ou menos secretas, anônimas, através da mídia, monopolizam a possibilidade de trocas simbólicas entre os sujeitos. Através do enorme poder de investimento dos meios de comunicação, o sujeito é conclamado a ser portador de um máximo de informações num mínimo de tempo. Afinal, ele não se encanta diante do sombrio poder da cultura de massa? Se, por um lado, o fenômeno da globalização é apontado como freqüentemente agressivo, não se pode negar o surgimento de novos contornos neste mesmo cenário, pois ela é um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

fenômeno ligado à economia e marca um novo ciclo da história. Sendo assim, os movimentos étnicos, feministas e comunitários são expressões indiscutíveis de novas respostas frente aos atuais dilemas da cultura. Sem dúvida, respostas mais salutares do que os linchamentos, as guerras e outras tantas formas de devastação do semelhante.

Dentre vários estudiosos do século XX que se ocuparam da questão, Milton Santos[49], numa reportagem intitulada "Nação ativa, nação passiva", enfatiza que a grande parte da população excluída do mercado global, ou que sobrevive à margem da contabilidade pública oficial, chamada de nação passiva, seria os verdadeiros agentes do futuro do país. Isto porque, na nação passiva, se cria uma cultura própria, endógena, resistente, que também constitui um alicerce, uma base sólida para a produção de uma política. Sua verdadeira riqueza estaria no fato de ela ser dotada de um dinamismo próprio, autêntico, fundado em sua própria existência. Em certo sentido, a tomada de consciência, trazida pelo enraizamento no meio e pela experiência da escassez, além de ser formada pela maior parte da população, tornaria possível a produção de um projeto. A ótica do autor seria a de que o papel principal dos intelectuais, hoje, muito mais do que combater as formas de ser das elites ("nação ativa"), é empenhar-se para mostrar, analiticamente, dentro do todo nacional, a dinâmica e a resistência da "nação passiva". A reflexão sobre cada realidade contraditória deve ser oferecida tanto às sociedades organizadas em associações, sindicatos, igrejas e partidos, como também à sociedade desorganizada, como esperança de encontrar nesta nova interpretação os elementos necessários para uma sociedade mais condizente com o interesse público, de uma organização social mais solidária.

Igualmente, Raquel Paiva, ao procurar compreender o que é vida comunitária, partindo de sua própria dinâmica, sua composição, enfim, sua estrutura, vislumbra resgatar a solidariedade humana, perdida no modelo individualista da organização social. Para a autora,

> Solidariedade é, em termos de comunidade, uma verdadeira estratégia dos que, por viverem na escassez ou à margem, constroem um saber particular de convivialismo e de experiência local. Esta última vem se oferecendo como uma espécie de sementeira de

[49] SANTOS, M. "Nação ativa, nação passiva". *Folha de São Paulo*, Caderno *Mais*, 21 de novembro de 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

novas instituições públicas, capaz de referenciar os contratos em termos de uma nova forma de Estado [50].

Refletir sobre o sentido que as produções teóricas constroem a respeito do mundo contemporâneo é, sem dúvida, partir para a criação de novos modelos teórico/práticos, que contemplem o homem na relação com a liberdade e a amizade, numa experiência de sociedade solidária e fraterna.

1.3
O individualismo e as práticas grupais

Frente ao crescente processo de individualização e privatização das práticas sociais, que tem início na passagem do século XVIII para o XIX, vive-se progressivamente sob o império do individualismo, onde se aposta em valores narcísicos (uma exaltação crescente de características ligadas a transformações do corpo e da imagem), numa ética individualista (um quase total desconhecimento das necessidades do semelhante) e numa estética ligada apenas ao consumo (serventia daquilo que está disponível para o consumo imediato, como promessa de bem-estar e felicidade). Esta tríade, vinculada ao império do individualismo, tem conseqüências tanto no contexto das relações sociais, em termos das bases estabelecidas para as relações, quanto na cientificação que o indivíduo tem de sua condição.

O conceito de indivíduo, que se perpetuou até hoje, se caracteriza, segundo Bezerra[51], por uma idéia de ser autônomo, livre, dotado de um universo interior absolutamente único: um eu singular.

Considerado na sua acepção de humano, o indivíduo tem sido historicamente objeto de debates, nos quais se debruçaram sábios de diferentes épocas, com suas doutrinas. Como ser autônomo, tão promulgado na era moderna, talvez tenha sido a formulação teórica que resultou em diferentes formas de individualismo, dentre as quais o liberalismo econômico e o contrato social se destacam. Tal concepção presume-o como estreitamente vinculado às determinações do Estado, sem movimento de oposição. Por outro lado, as

[50] PAIVA, R. *O espírito comum: comunidade e globalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 11.
[51] BENILTON, B.J., "Grupos: cultura psicológica e psicanálise". *Saúde loucura*, nº 4 – Grupos e coletivos, São Paulo: Hucitec, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

doutrinas que afirmam estar ele em constante oposição à sociedade e ao Estado apelam para uma radicalidade, a partir da qual interpretam, de um lado, uma organização individual, e de outro, uma organização estatal, como se fossem estanques. Cabe sinalizar que estas doutrinas não defendem a posição de que o indivíduo deveria ser anti-social, no entanto, se as organizações são tomadas como estanques, dificilmente ele encontraria na organização do Estado ressonâncias às suas aspirações. Enfim, as doutrinas que postulam uma suposta harmonia promulgam a defesa da expressão e da manifestação da singularidade de cada um, para que, a partir de um consenso, sejam estabelecidos acordos e, assim, pensar em coletividade. Cabe salientar que a formação e a configuração de uma coletividade não têm lugar sem que haja minimamente a repressão de uma parcela da liberdade individual[52].

Tomado como pessoa, é uma forma de individualismo personalista que destaca a importância do "bem comum", que não se confunde com "totalitarismo". Não nega a liberdade individual, em detrimento de um benefício único à sociedade, pelo contrário, tende a integrar os interesses individuais com os sociais, considerando o componente histórico.

Na área da psicologia, foi criada a classificação das individualidades para examinar o que é específico de cada um[53]. A psicologia individual voltou-se para os estudos das características diferenciais de cada ser humano e suas relações de dependência frente ao mundo social.

Sabe-se que, embora o foco da psicologia social seja o estudo das diferenças individuais, isto não a eximiu de cair também numa modalidade de individualismo, considerando-o como a doutrina segundo a qual a entidade básica em toda agrupação humana ou em toda sociedade humana é o indivíduo, o sujeito individual, de modo que a agrupação ou a sociedade são concebidas como conjuntos de indivíduos. Progressivamente, através das transformações que se deram na construção do mundo burguês, a identidade autocentrada do indivíduo, como eu único e singular, foi ganhando esta definição, na medida em que o processo de interiorização individual foi sendo valorizado para a busca dos direitos de cidadão livre, autônomo e único. A dimensão de interioridade e de

[52]ROUSSEAU, J.J. *O contrato social*. In: ROUSSEAU, Coleção *Os pensadores*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1984.
[53]MORA, J.F. *Dicionário de filosofia*. Barcelona: Editorial Ariel, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

singularidade absoluta, advindas da noção de indivíduo, produziu uma cultura psicológica com tais características. Em termos de subjetividade, pode-se dizer que o indivíduo, construído historicamente dentro destas noções, se manifesta através de uma esfera privada de existência, da intimização das relações pessoais e do surgimento de instituições voltadas para o seu controle.

Nos estudos sobre o individualismo e a cultura psicológica, observa-se um caráter globalizante, homogêneo. Seu polimorfismo e suas contradições não são conhecidas. A identificação da subjetividade à individualidade reproduz a representação universalista e unificadora do indivíduo, assim como reduz os componentes múltiplos e heterogêneos dos modos possíveis que a compõem, o que se pode entender como expressão do egoísmo.

Uma visada histórica remontaria ao modo de caracterização do século XVIII como sendo, segundo Sennett[54], o momento supremo do equilíbrio entre a vida pública e a vida privada, visto não se ter operado ainda a marcada transformação de valores característicos dos séculos seguintes. Tais transformações estão na base de outras, no caso, das condições materiais advindas da expansão do capitalismo, o que concorreu significativamente para o avanço da privatização.

O secularismo dos anos 1700 era fundado na concepção de transcendência, de essência comum, numa cultura na qual vigoravam fundamentos comuns e direitos inalienáveis. Já o dos anos 1800 voltou-se para a imanência, em que os fatos têm uma significação em si próprios, em que se acredita no contingente, no particular.

A sociedade intimista, construída no século XIX, tem em sua constituição o conceito de narcisismo[55], onde a energia do sujeito é basicamente investida em si próprio. A moralidade passa a ser uma coisa íntima, particular: "eu penso assim". Em contrapartida, o homem do século XVIII, quando falava EU, se referia a uma idéia pública.

Ao tomar as duas posições de sujeito: "Eu penso assim", reflexo da vida privada e "EU", ressonância da vida pública, vê-se que esta primeira instância vai, ao longo do século XX, ser alimentada pelas crescentes formas de egoísmo,

[54]SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da identidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
[55]FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XIV.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

entendido como amor excessivo ao bem próprio, sem consideração aos interesses alheios; exclusivismo que faz o indivíduo referir tudo a si próprio. Do ponto de vista da ética, egoísmo é a "(...) doutrina que considera como princípio aplicativo dos preceitos morais, e como princípio diretor da conduta humana moral o interesse individual; egoísmo é o amor exclusivo e excessivo de si, implicado na subordinação do interesse de outrem ao seu próprio"[56].

Durante todo o século XVIII, falou-se muito dos egoístas, no sentido de que sustentavam somente existir o "eu mesmo" (ego). Foi no século XIX que o sentido moral de egoísmo se desenvolveu. A definição aristotélica de egoísmo como o "amor a si mesmo" foi a que prevaleceu até os dias atuais, tendo várias matizes, dentre os quais o "interesse próprio"[57].

Na acepção kantiana, em indicação de Ferrater Mora[58], o egoísmo foi classificado em quatro modalidades. A primeira é o egoísmo lógico, no qual se mantém o próprio juízo sem considerar o dos demais; a segunda é o egoísmo estético, no qual se afirma o próprio gosto; a terceira é o egoísmo moral, no qual o indivíduo se confina à sua própria ação, e, por último, o egoísmo metafísico, no qual se recusa reconhecer a existência ou a justificação da existência de outros "eus" ou da realidade externa. Enfim, o egoísmo é naturalmente constitutivo da existência humana. Neste sentido, sempre se revela na pessoa, independentemente da cultura ou do progresso.

Se, por um lado, se constata que a polaridade egoísmo faz parte da própria individualidade, por outro, sabe-se que, para o indivíduo, é necessidade premente ser reconhecido por seu semelhante, o que exige viver em grupalidades, que variam desde a horda até a comunidade.

As várias tentativas de definição do conceito de grupalidade concorreram para a cristalização de essências como possibilidade de existência do objeto-grupo, ao mesmo tempo que também legitimaram a oposição indivíduo-grupo[59]. Neste contexto, produziram-se, por um lado, teses em que os indivíduos constituíam a única realidade. Havia uma negação a respeito da possibilidade de

---

[56]AURÉLIO, B.H.F. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1975, p. 500.
[57]MORA, J.F., op. cit.
[58]Ibid.
[59]BARROS, R.D.B. "Grupos e Produção". *SaúdeLoucura*, nº 4. Grupos e Coletivos, São Paulo: Hucitec Ed., 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

teorização sobre grupos. Por outro lado, também se desenvolveram teses que definiram o grupo como uma entidade distinta dos indivíduos que o compõem, com um estatuto próprio, necessário para a compreensão dos movimentos grupais.

É nesta concepção dicotômica entre indivíduo e grupo que estas duas entidades, enquanto objetos, se mantêm separados e opostos. O processo de voltar-se para dentro foi produzindo não só a categoria de indivíduo, mas também de individual, formando-se, concomitantemente, maneiras de estar, sentir e viver o mundo. Por exemplo, o espaço da casa e o da família ganharam novos sentidos neste momento, porque se separaram do lugar do trabalho e passaram a concentrar a afetividade em seu interior. Pode-se, então, indagar: este novo arranjo doméstico não teria sido a interferência do público no privado? Melhor dizendo, a configuração espelhada na distribuição de papéis e de laços familiares poderia ser a reprodução de um *modus vivendi* constituído sob a égide do que se denomina comunidade, família e, também, grupalidades, como formações construídas, cujo objetivo seria produzir uma modalidade de ação para dar destino àquilo que excede?

Dentre estas formas, a "comunidade" é o conjunto social orgânico e originário, onde predomina a vontade natural, oposto à sociedade, que é o tipo de comunidade formado e condicionado pela vontade racional. Não se trata de uma contraposição abstrata, mas baseada nos fatos sociológicos. A comunidade também pode ser vista como o espaço de ação recíproca, sendo algo análogo à experiência.

Ao procurar direcionar um olhar sobre comunidade na psicologia, Sawaia[60] procura mostrar, historicamente e de maneira crítica, como a psicologia se foi aproximando do que é comunidade. Somente na década de 70 e a partir de um ramo da psicologia social, que se autoqualificou de comunitária, o qual objetivava comprometer-se com a realidade estudada (especialmente com os excluídos da cidadania) é que o conceito de comunidade começa a ser introduzido na psicologia.

Uma avaliação crítica do papel social das ciências tinha-se manifestado através de um movimento mais amplo, desencadeado nos anos 60, e que culminou

[60]SAWAIA, B.B. "Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade". In: CAMPOS, R.H. de F. (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

nos anos 70 e 80, quando, então, o conceito de comunidade passou a ser incluído no discurso das ciências humanas e sociais, mais particularmente na área da saúde mental, com o objetivo de refletir e transformar o mundo. Sem dúvida, apropriações demagógicas do conceito, em nome de unir e proteger o povo, não escaparam às observações. Certamente, na atualidade, o conceito de comunidade aparece como a utopia do final do século para enfrentar a deterioração causada pela globalização. Segundo Sawaia, o uso da comunidade como utopia é reacionário, saudosista, porque coloca o passado como tendo sido a situação ideal perdida, tempo/lugar onde as pessoas naturalmente se inclinavam ao bem.

Em função da possibilidade de se terem vários usos e interpretações sobre o que é comunidade, tento esclarecer, neste estudo, que utilizo o conceito de comunidade como a parte da população que não é totalmente regida pelas leis e pelas regras do poder público. É aquela parte que excede, que sobra, que não faz falta, ou seja, aquela que não tem qualificação profissional e, portanto, escolaridade concluída ou suficiente para concorrer a algum trabalho. O conceito de comunidade aparece e desaparece nos debates e nas reflexões sobre o homem e a sociedade, em função do contexto histórico e político de cada época. Ora defendem-se valores coletivistas, ora, valores individualistas.

É através do autocentramento dos indivíduos, garantidos em suas unidades, que a lógica do um[61], tanto no indivíduo com a forma de um, quanto no grupo com a forma de todo, que a noção de grupo se veio construindo.

Não só a noção de indivíduo atravessou e constituiu as práticas psicológicas de nossa época, mas também a sociedade capitalista consumista tomou o modelo do triunfo do indivíduo, fator que marcou fortemente um sentido utilitarista e de lucro nas relações entre as pessoas.

Tanto na perspectiva que defendia o conservadorismo comunitário, quanto na que o atacava, o conceito de comunidade vai aparecer como utopia remetida ao passado, com uma significação reacionária. A família é tomada como o modelo básico, e a religião, a nação, a raça, a profissão e as cruzadas seriam sua expressão simbólica. Os seus princípios básicos são a comunhão de objetivos, a condição de continuação no tempo, o engajamento moral e a coerção social. Sua delimitação

[61]BARROS, R.D.B. op. cit. "Lógica do Um → indivíduo (indivíduo - Um: todo, referindo-se a si próprio); grupo (grupo - Todo: um, referindo-se a si próprio)", p. 147.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

pode ser local ou global. A prática comunitária visava, nesta época, a união de esforços entre povo e Estado, com o objetivo de integrar a sociedade.

Neste período, houve um avanço no corpo teórico da psicologia comunitária, ao começar a superar a cisão entre subjetividade e objetividade, mas a intencionalidade prática visava mais à integração social do que à exclusão. Mas, no final da década de 70 e com o domínio da matriz marxista, houve uma revisão crítica desta questão da intencionalidade prática, e a psicologia comunitária se apresenta como área do conhecimento científico, a serviço do povo, com o objetivo de superar a exploração e a dominação.

Atualmente, a reflexão sobre comunidade em psicologia gira em torno da produção de pesquisas e relatórios de práticas com questionamentos responsáveis sobre problemas éticos produzidos pela modernidade. No processo de globalização atual, já se fala em comunidade virtual através da internet em rede, e, em contrapartida, se fala também de diferenciação, de segregação e de exclusão. Deste modo, os estudos sobre comunidade, hoje, requerem cada vez mais uma postura ética e um olhar "exotópico", ou seja, olhar com um certo grau de distância, para que se possa analisar o fato como um todo. Sem dúvida alguma, o termo "alteridade", entendido como embasador da vida social digna, seria o primeiro a ser revisto, numa sociedade onde o imperativo é homogeneizar.

O termo comunitário não é antagônico à individualidade e as potencialidades humanas podem ser desenvolvidas em espaços particulares do cotidiano. "Os valores comunitários devem ser interiorizados como projeto individual para se transformar em ação"[62], pois ninguém é motivado por interesses coletivos abstratos. O bem-estar coletivo e o prazer individual não são dicotômicos, assim como o consumo democrático não é conquistado necessariamente à custa do sacrifício pessoal. Sawaia afirma, então, que

> (...) comunidade, mais do que uma categoria científico-analítica, é categoria orientadora da ação e da reflexão e seu conteúdo é extremamente sensível ao contexto social em que se insere, pois está associada ao debate milenar sobre exclusão social e ética do bem viver[63].

Nesta perspectiva, comunidade é qualquer espaço de relatos, onde se podem objetivar questões da vida cotidiana. A psicologia comunitária, atualmente,

[62]SAWAIA, B.B., op. cit., p. 49.
[63] SAWAIA, B.B. , op. cit., p. 50.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

visa colaborar com a criação destes espaços relacionais, onde os sujeitos se reúnem para compartilharem, na interlocução, questões sobre a dignidade humana, lutando, desta forma, contra a exclusão de qualquer espécie.

O rastreamento até então realizado procurou situar a importância da imagem na constituição do sujeito, o modo como a mesma é constantemente transformada em objeto de consumo e, conseqüentemente, consumida no seio da comunidade, além de ter, fundamentalmente, um papel decisivo na construção do conhecimento que o sujeito produz sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo. Esta forma de interação do sujeito com imagens tem seus desdobramentos. Qual a função, para o sujeito, da imagem que obtém de si mesmo, por meio dos artifícios técnicos disponíveis, para a produção de um discurso? A imagem de si, capturada pelo aparelho técnico, habilita-o a construir um saber crítico no contexto da comunidade? Como a imagem técnica intervém no seu cotidiano, mudando e alterando o seu comportamento? A experiência com a imagem, marca do cotidiano, embota ou, até mesmo, rompe com a expressão do sujeito pela palavra? Considerando a prevalência da imagem, seria possível estabelecer modalidades de experiência para o sujeito, que não se subordinem à cultura do consumo? E como operar com imagens, e isto é inevitável, associando-as à construção de uma dimensão crítica da experiência contemporânea?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA